Crispo, Sóstenes e Galião. — Sêneca e os cristãos da corte de Nero

I

O capítulo XVIII dos Atos dos Apóstolos nos ensina que são Paulo, tendo saído de Atenas, veio a Corinto. Seus dois fiéis companheiros, Silas e Timóteo, chegaram da Macedônia e puseram-se a pregar com ele. A eloquência de são Paulo era, diz são João Crisóstomo, semelhante ao fogo que inflama tudo o que toca.

> *E Crispo que era o principe da synagoga creo no Senhor com todos os da sua casa: e muitos dos Corinthios, ouvindo-o, crião, e erão baptizados.*

II

> *Ora de noite em visão, disse o Senhor a Paulo: Não temas, mas falla, e não te cales: porque eu sou contigo: e ninguem se chegará a ti para te fazer mal: porque tenho muito povo nesta cidade. E se deteve alli hum anno, e seis mezes, ensinando entr'elles a palavra de Deos.*

III

> *Mas sendo proconsul de Acaia Gallião, os Judeos de commum acordo se levantarião contra Paulo, e o levárão ao tribunal, dizendo: Este pois, contra a lei,*

> *persuade aos homens que sirvão a Deos. E como Paulo começasse a abrir a sua boca, disse Gallião aos Judeos: Se isto fosse na realidade algum agravo, ou enormissimo crime, eu vos ouviria, ó varões Judeos, conforme o direito. Mas se são questões de palavra, e de nomes, e da vossa lei, vede-o vós lá: porque eu não quero ser juiz d'estas cousas. E assim os mandou sahir do tribunal.*

IV

Mais de dois séculos antes de Nosso Senhor, os judeus haviam sido dispersos pelo mundo inteiro, a fim de preparar, pelo conhecimento das Sagradas Escrituras, as nações da gentilidade para receber o Evangelho. Daí vem que tinham numerosas sinagogas em todas as cidades do Oriente e do Ocidente. Infelizmente para eles, desempenharam muito mal sua missão. Os Apóstolos não tiveram adversários mais obstinados.

V

A conversão de Crispo, chefe da importante sinagoga de Corinto, foi, pois, um esplêndido milagre. Os judeus deviam irritar-se com ela e podiam recorrer a atos de violência contra são Paulo. Eis por que Nosso Senhor lhe apareceu durante a noite e lhe disse que nada temesse. Com efeito, levado ao tribunal de Galião, dele saiu sem que lhe fosse feito nenhum mal. Não se deu o mesmo com Sóstenes, outro chefe da sinagoga. Os judeus lançaram mão dele e o espancaram diante do tribunal, sem que Galião se importasse.

VI

Milagrosamente convertido e batizado por são Paulo, Crispo, não se poderia duvidar, desempenhou alguma missão importante no interesse da Igreja. Por infelicidade, a história é muda a seu respeito. Vários creem, contudo, que se tornou bispo na Espanha.

Seja como for, sua vida, conhecida dos antigos, foi uma vida santa, que lhe mereceu ver seu nome escrito no livro da imortalidade.

No quarto dia de outubro, o Martirológio Romano se exprime assim:

> *Em Corinto, natividade dos santos Crispo e Gaio, de quem são Paulo faz menção em sua primeira Epístola aos Coríntios.*

VII

Vimos que Sóstenes, outro chefe da sinagoga, foi acabrunhado de golpes pelos judeus. Esse fato pede uma explicação. Não havia dois chefes numa sinagoga. Como é, pois, que o Texto Sagrado chama chefes da sinagoga a Crispo e a Sóstenes? Tendo Crispo se tornado cristão, os judeus o substituíram logo por Sóstenes. Diante do tribunal de Galião, perceberam que Sóstenes não defendia sua causa com bastante calor, ou até que favorecia Paulo e Crispo. Daí sua cólera e os maus-tratos que infligiram a Sóstenes.

Esse corajoso neófito consagrou dessa maneira sua entrada no aprisco do Deus de Israel. Fervoroso cristão, como o eram nesses tempos primitivos, tornou-se bispo de Colofão, cidade da Lídia, vizinha de Éfeso e que pretendia ser a pátria de Homero. Mas sua maior glória é ser contado no número dos santos.

> *A 28 de dezembro — diz o Martirológio Romano —, natividade de são Sóstenes, discípulo do Bem-aventurado Apóstolo Paulo, que o nomeia em sua primeira Epístola aos Coríntios.*

VIII

Os fatos que acabamos de referir se passavam no ano 50 de Nosso Senhor, nono de são Pedro em Roma e décimo primeiro do imperador Cláudio. Era sob o proconsulado de Lúcio Júnio Galião, procônsul da Acaia.

Quem era esse personagem cujo nome está escrito ao mesmo tempo na história sagrada e na história profana?

IX

Um espanhol, chamado Marco Aneu Sêneca, nascido em Córdoba, por volta do ano 58 antes de Nosso Senhor, veio a Roma com quinze anos de idade. Ali se casou, ensinou longo tempo retórica com êxito e teve três filhos, todos três distintos por seus talentos.

O primeiro, chamado Marco Aneu Novato, nascido quatro ou cinco anos antes de Nosso Senhor, entrou por adoção na célebre família Júnia, de que tomou o nome patronímico. Em consequência chamou-se: Júnio Aneu Sêneca Galião.

O segundo, chamado Lúcio Aneu Sêneca, nascido dois anos depois de seu irmão, é o filósofo cujas obras ainda possuímos.

O terceiro foi Lúcio Aneu Mela, pai do poeta Lucano.

X

Esses poucos pormenores sobre a família Sêneca são justificados pelas relações incontestáveis que dois de seus membros tiveram com são Paulo. Em virtude da lei Clódia, a Acaia fora elevada à categoria de província proconsular. Seja pela influência de seu irmão, o filósofo, preceptor de Nero, seja em razão de sua entrada na poderosa família Júnia, o comando foi dado a Galião. Vimos que são Paulo compareceu diante de seu tribunal.

XI

Como tantos outros governadores romanos, como o próprio Pilatos, Galião se mostrou muito despreocupado e muito desdenhoso numa causa que, na aparência, só interessava aos judeus, mas que, no fundo, era a própria causa da verdade. Quis não se meter nela por medo de atrair a cólera dos judeus? Tal temor não pode ser desculpa.

É certo que faltou ao mesmo tempo à sua dignidade, a seu dever e à ordem pública, deixando maltratar injustamente, sob seus olhos, em pleno tribunal, o inocente Sóstenes. A indiferença que mostrou nessa ocasião fez dar o nome de galionistas aos que são indiferentes em matéria de religião.

XII

Mas, tendo o grande Apóstolo feito em Corinto uma estada de dezoito meses, pregando publicamente e com êxito uma doutrina totalmente nova, é mais provável que o procônsul ouvisse falar dele com frequência. Talvez até tenha tido com são Paulo relações pessoais.

Mas o que está fora de dúvida é que Galião, homem instruído, ao escrever a seu irmão filósofo, falou desse judeu extraordinário que pregara em Atenas diante do Areópago e enchia a Ásia Menor do ruído de seu nome e de sua doutrina. Assim, quando são Paulo chegou a Roma, sua reputação pôde ter-lhe precedido junto de Sêneca e inspirar neste o desejo de conhecê-lo.

XIII

Que Sêneca tenha conhecido são Paulo antes de vê-lo, é mais que provável; mas o que é certo é que teve com o Apóstolo relações pessoais. Concluímo-lo logicamente dos seguintes fatos. Quando o Apóstolo prisioneiro chegou a Roma sob a escolta do centurião Júlio, foi entregue por este, como era costume, às mãos do prefeito do pretório, com os outros prisioneiros.

Foi a esse grande oficial do império que deveu a parcela de liberdade de que gozou durante os dois anos de cativeiro, tendo apenas um soldado para guardá-lo. Mal se pode duvidar de que lhe tenha sido apresentado, mais de uma vez talvez. Tal parece ser o sentido das palavras do próprio são Paulo:

> *as minhas prisões se tem feito notorias em Christo por toda a corte do emperador, e em todos os outros lugares.*[1]

XIV

Ora, o prefeito do pretório era então o célebre Afrânio Burro. Associado a Sêneca na educação de Nero, partilhou longo tempo com ele o favor, ou ao menos a confiança do tirano. Conservou-a apesar de seus frequentes esforços para detê-lo na carreira de crimes em que se precipitara, depois das melhores esperanças que dera em sua juventude; e parece que esses dois homens de Estado andavam bastante de acordo.

XV

As relações que existiam entre eles mal permitem, pois, duvidar de que Burro tenha falado a Sêneca desse cativo tão notável, lhe tenha inspirado o desejo de ouvi-lo e lhe tenha proporcionado os meios, o que, aliás, não era difícil, estando o zelo do Apóstolo favoravelmente disposto a tais entrevistas.

XVI

Dois fatos importantes provam a realidade dessas entrevistas. O primeiro é a moral elevada que se encontra nos escritos de Sêneca. Não se poderia ler atentamente suas obras sem ficar impressionado com a analogia sensível que ali se encontra muitas vezes com numerosas passagens da Escritura. As expressões, muitas vezes as mesmas, apresentam o mesmo sentido. Por isso Tertuliano não receia dizer que Sêneca foi nutrido de leite cristão e que muitas vezes é dos nossos: *Lacte christiano educatus: sæpe noster*.

XVII

O segundo fato é sua correspondência epistolar com são Paulo. Existem seis cartas de são Paulo a Sêneca e oito de Sêneca a são Paulo. Mas a opinião mais bem fundada é que essas cartas, tais como as temos, são apócrifas. Ao testemunho de são Jerônimo e de santo Agostinho, houve cartas trocadas entre são Paulo e Sêneca; que foi feito delas? Não se sabe.

XVIII

Não é só a Sêneca e aos olhos do pretório que são Paulo prisioneiro deu a conhecer Jesus Cristo; é a toda a corte de Nero e a toda a Roma. Ele próprio nos ensina:

> *Minhas prisões se fizeram conhecidas no pretório e em toda Roma: In omni prætorio et cæteris omnibus.*[2]

E até, o que é muito mais forte, no palácio imperial, onde fizeram nobres conquistas para Jesus Cristo:

> *Todos os santos vos saudão — acrescenta ele em sua Epístola aos cristãos de Filipos —, mas com muita especialidade os que são da familia de Cesar: Salutant vos omnes sancti, maxime autem qui de Cæsaris domo sunt.*[3]

XIX

Esse César era Nero! Cristãos no palácio de Nero! Cordeiros na caverna do tigre! A humildade e a simplicidade na morada do orgulho e do luxo; a castidade e a inocência de costumes num lugar de devassidão e prostituição; a mansidão e a caridade no covil da crueldade e dos mais odiosos crimes!

É uma das maiores maravilhas dessa graça onipotente que derrubara Paulo no caminho de Damasco e de perseguidor fizera um Apóstolo. É um dos acontecimentos mais notáveis da tão interessante história do primeiro século cristão.

XX

Ficaríamos felizes em conhecer, com alguns pormenores, esses homens escolhidos pela divina misericórdia entre os numerosos servidores do monstro coroado. Infelizmente, ficamos reduzidos a conjeturas mais ou menos verossímeis, ao menos quanto a alguns.

São Paulo não nomeia nenhum, talvez por prudência, para não comprometer ninguém. São João Crisóstomo nos ensina que, entre esses milagrosos convertidos, houve uma concubina de Nero. Crê-se que é Acte. Sua conversão, acrescenta são João Crisóstomo, foi a causa do ódio homicida de Nero pelo grande Apóstolo.

Mais tarde reencontramos Acte na morte de Nero, e foi ela que, ajudada pelas duas amas desse príncipe, lhe prestou os últimos deveres e depôs seu cadáver ensanguentado no lugar destinado à sepultura da família Domícia.[4] Esse ato de caridade era digno de uma cristã.

XXI

Indícios quase certos nos dão a conhecer o nome e a qualidade de uma ilustre neófita que fez então parte do pequeno rebanho de Jesus Cristo. Esse pequeno rebanho se formava silenciosamente no seio da Cidade Eterna, destinada a tornar-se um dia a capital do universo cristão.

Essa dama romana de distinto nível é Pompônia Graecina.

> *Mulher de um guerreiro célebre — diz Tácito —, foi acusada de apego a uma superstição estrangeira, depois remetida a um tribunal de família presidido por seu esposo: foi declarada inocente.*[5]

XXII

A primeira censura que lhe é dirigida é seu apego a uma superstição estrangeira. Ora, tal é a expressão de que os autores pagãos dessa época sempre se servem para indicar a religião cristã. Eis uma segunda censura que, para nós, não é menos significativa: é a longa e contínua tristeza que Tácito atribui a Pompônia e as vestes de luto de que se mostra revestida.[6]

XXIII

Pagão e muito prevenido contra os cristãos, Tácito parece ter ignorado os motivos dessas particularidades que nos assinala. Para nós, elas se explicam e se justificam por si mesmas. A vida dos cristãos desse tempo, tanto quanto era conhecida, formava com a dos pagãos um contraste bem feito, sem dúvida, para espantar a estes. Guardiões vigilantes da castidade, nossos pais mostravam os costumes mais puros no meio da inaudito desenfreamento da libertinagem.

Enquanto os epicuristas de Roma passavam as noites em festins ruidosos e suntuosos, o cristão fazia sua modesta refeição em sua morada silenciosa ou partilhava com seus irmãos o santo banquete de caridade, que chamava ágape; muitas vezes até procurava expiar pelo jejum desordens de que era inocente.

XXIV

Os cristãos fugiam dos espetáculos como contrários à religião, aos costumes ou à humanidade. No meio de uma multidão sensual, fastuosa, desregrada e que só respirava os gozos, eram vistos simples, austeros e renunciando a todos os prazeres mundanos. Seu exterior anunciava a mudança interior que a graça operara em sua alma.

A simplicidade das vestes de Pompônia, notada por Tácito, é uma prova de que se tornara cristã. Mulher do mundo, e ocupando nele posição distinta, a esposa de Pláucio pudera, como suas iguais, sacrificar ao luxo, à elegância e àquele excessivo requinte das modas romanas de que já não poderíamos fazer ideia justa.

Tornada mais grave, mais modesta e mais simples ao fazer-se cristã, devia renunciar a muitas coisas fúteis e reduzir-se a uma severidade de traje que Tácito pôde comparativamente chamar, sem demasiado exagero, um traje quase lúgubre: *non nisi cultu lugubri*. Para essa mudança extraordinária não se acha outra explicação senão a profissão do cristianismo.

XXV

Entre os cristãos da corte de Nero, é preciso citar ainda dois nomes ilustres: Torpes e Evélio, de quem o Martirológio Romano fala nestes termos:

> *Em Pisa, na Toscana, natividade de são Torpes, mártir, que foi primeiro um grande oficial de Nero e um dos cristãos de que são Paulo escreve, de Roma, aos Filipenses: "Todos os santos vos saúdam, mas sobretudo os da casa de César." Depois, por ordem de Satélico, foi, pela fé de Jesus Cristo, cruelmente esbofeteado e moído a golpes; depois entregue às feras, que o respeitaram, e consumou seu martírio com glória no dia 1º das calendas de maio.*

Contudo, sua festa se celebra a 17 [de maio] por causa da trasladação de suas relíquias.[7]

Digamos de passagem que são Torpes deu seu nome à cidade francesa de Saint-Tropez.

XXVI

Outro personagem importante da corte de Nero teve, como são Torpes, copeiro do imperador, a ventura de converter-se. Chamava-se Evélio e era um dos conselheiros de Nero, Corniliano Nerônio.

Companheiro de são Torpes, deveu sua conversão à impressão que lhe causou a constância do santo mártir.

> *A 10 de maio — diz o Martirológio Romano —, natividade de são Evélio, mártir, que pertencia à casa de Nero, creu em Nosso Senhor ao ver o martírio de são Torpes e foi decapitado pela fé.*

XXVII

Eis o que sabemos dos cristãos da corte imperial de Nero. Esses simples pormenores fazem lamentar vivamente a perda de nossos anais primitivos. Sabe-se que, para aniquilar até a lembrança do cristianismo, vários imperadores romanos, em particular Diocleciano e Maximiano, mandaram procurar com cuidado e queimar, em todas as cidades do império, os Atos dos Mártires e todos os arquivos das Igrejas.

XXVIII

Terminemos esta Biografia, que nos deu ocasião de falar dos primeiros cristãos de Roma, de Sêneca e de seu irmão Galião, dizendo o que foi feito desses dois últimos personagens. Sêneca pereceu de maneira trágica, não como mártir da santa religião que então proscreviam os senhores do mundo, mas vítima da ingratidão do monstro que educara e cujo maior crime, um execrável parricídio, deixou pairar triste nuvem sobre o nome daquele que não o censurou como devia, que talvez o aconselhou. Condenado à morte por Nero, Sêneca pôs-se num banho, abriu as veias, tomou veneno para apressar o fim e fez uma libação a Júpiter Libertador. Quanto a Galião, desgraçado por Nero depois da morte de seu irmão, trespassou-se com sua espada.

XXIX

Sêneca foi um desses homens de quem fala são Paulo, que, tendo conhecido a Deus, *«não no glorificarão como a Deos»* (Rm 1, 21). Quantos Sênecas entre nós, mais culpados que o primeiro! Lamentemo-los e rezemos por eles e por aqueles que escandalizam.[8]

Notas

[1] *Ita ut vincula mea manifesta fierent in omni prætorio.* (Fl 1, 13.)

[2] «*Non tantum prætorianis, sed cæteris civibus Romanis, manifesta sunt facta vincula mea, quod scilicet iis vinctus sim propter fidem Christi.*» («Não só aos pretorianos, mas também aos demais cidadãos romanos se tornaram manifestas as minhas cadeias, a saber, que estou preso por causa da fé de Cristo.») Cor. a Lap., *in Philip.* 1, 13.

[3] Fl IV, 22.

[4] Suet., *in Ner.* L.

[5] *Annot.* xiii, 34.

[6] *Huic Pomponiæ continua tristitia fuit. Non cultu nisi lugubri... Non animo nisi mœsto egit.* («Esta Pompônia teve contínua tristeza. Não com traje senão lúgubre... não viveu senão com ânimo pesaroso.») *Ibid.*

[7] *Martyrol.*, 17 mai.

[8] Ver: Tácito, *Annal.*, xiv, 7; id., *Agricol.* xiii; Dio, *Hist. rom.*, lib. IX; Tacit., *Ann.*, vi, 3; xv, 73; S. Hier., *De viris illustr.*, xii; S. Aug., *Epist. ad Macedon.*, n. 14; M. Greppo, *Mém. relatifs à l'Hist. eccl. des premiers siècles*, p. 1 a 140; Baron., an. 59, n. 23 e n. 9; an. 69, n. 44; Cor. a Lap., *in Epist. ad Philip.*, c. 1, 13, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:27 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:27 by Admin